

Relação língua e sociedade em foco: observando o vocativo “moço(a)” no português brasileiro, moçambicano e angolano

(The relation between language and society: analysis of “boy/girl” vocative in Brazilian, Mozambican and Angolan Portuguese)

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre¹

¹ Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

sabrinabalsalobre@yahoo.com.br

Abstract: This study aims to comparatively evaluate the use of “boy/girl” vocatives. Three Portuguese varieties are in focus: Brazilian, Mozambican and Angolan. This comparative perspective is based on the hypothesis that each of these varieties of language reinterprets these vocative forms due to their national idiosyncrasies. In summary, we suggest that the linguistic phenomenon of vocatives is a prime example of the relationship between a language choice and its social motivator.

Keywords: Socio-pragmatics; addressing terms; vocatives.

Resumo: Este estudo tem o objetivo de avaliar comparativamente os vocativos – elementos constitutivos do sistema de formas de tratamento – a partir dos usos da forma “moço(a)”. Três variedades da língua portuguesa estão em foco: a brasileira, a moçambicana e a angolana. Essa perspectiva comparativa parte da hipótese de que cada uma dessas variedades de língua reinterpreta essa forma em função de suas idiosincrasias nacionais. Em suma, o fenômeno linguístico dos vocativos é aqui privilegiado por se acreditar que ele represente um importante exemplo da relação entre uma escolha linguística e seu motivador social.

Palavras-chave: Sócio-pragmática; formas de tratamento; vocativos.

Introdução

Com o objetivo de analisar as relações entre a língua portuguesa e suas representações sociais – mais especificamente perscrutando as sociedades brasileira, moçambicana e angolana – optou-se por privilegiar um recurso do sistema linguístico que expressa a inter-relação entre escolhas linguísticas e motivadores sociais. Com esse propósito, o sistema de formas de tratamento é o fenômeno linguístico investigado por esse estudo, ao propor uma comparação entre as variedades brasileira, moçambicana e angolana da língua portuguesa.¹

Essa perspectiva comparativa se fundamenta no fato de que, muito embora as línguas do mundo possuam sistemas de endereçamento muito similares – simplificada-mente descritos pela dicotomia T x V (em referência às formas de 2ª pessoa do singular e do plural francês, *tu* e *vous*, que denotam diferenças de formalidade) – há uma severa diferença no comportamento desses tratamentos de uma cultura para outra (KEBRAT-ORECCHIONI, 2011, p.40).

¹ Ao se mencionar “variedades brasileira, moçambicana e angolana da língua portuguesa” evidencia-se uma generalização, em função dos limites desse trabalho de pesquisa. Assim sendo, por variedade brasileira, entende-se a variedade da cidade de São Paulo; por variedade moçambicana, a variedade da capital do país, Maputo; e por variedade angolana, a variedade da capital Luanda.

Em termos gerais, as *formas de tratamento* são palavras ou sintagmas usados por falantes de uma língua a fim de se dirigir ou de se referir a outra pessoa. Com propósitos didáticos, esse sistema pode ser subdividido em dois macro níveis, conforme propõe Silva (2011, p. 304): (i) *Formas pronominalizadas*: trata-se de palavras ou expressões que equivalem aos pronomes de tratamento (você, o senhor, a senhora etc.); e (ii) *Formas nominais*: são constituídas por nomes próprios, termos de parentesco, nomes indicativos de funções profissionais etc. São exemplos: professor, doutor, irmão, amiga etc.

No que se refere ao segundo macro nível do sistema de formas de tratamento, é preciso referenciar que as formas de tratamento nominais podem exercer a função sintática de vocativos, nas ocasiões em que são empregadas pelos falantes para inserirem explicitamente seu interlocutor na cena enunciativa. Nesse sentido, os falantes possuem à sua disposição uma gama de vocativos disponíveis pelo sistema com diferentes representações semânticas: por um lado, por exemplo, há *cara, amigo(a), meu, brother, wi, brada, kanuko, moça*, que indicam tratamentos menos tensos, mais horizontais, menos hierárquicos, ou seja, mais solidários; por outro lado, há *senhor/senhora, excelência, caríssimo*, usados como um indicativo de cerimônia, deferência, respeito, em situações preconizadas pela formalidade, hierarquia, verticalidade e, portanto, poder (BROWN; GILMAN, 1960).

Uma vez que os termos de endereçamento abrangem as diversas possibilidades disponíveis na língua para que um falante se dirija ou se refira a alguém, esse fenômeno linguístico é constituído em seu âmago por um código social. Nesse aspecto, segundo Causse-Cathcart (2011), o estudo das formas de tratamento permite que se conheça o funcionamento de uma sociedade, uma vez que ele demonstra as formas como estão estabelecidas as relações sociais. Esse ponto configura o pressuposto fundamental deste estudo: língua e sociedade devem ser analisadas conjuntamente em função de sua inter-relação.

É também um pressuposto o fato de que todas as sociedades possuem formas de endereçamento – trata-se de uma característica geral. No entanto, essas formas de tratamento correspondem aos princípios organizacionais de cada grupo social, ou seja, cada cultura em especial elabora o seu próprio sistema. Assim sendo, ao analisar comparativamente a realidade linguística tratamental do Brasil, de Moçambique e de Angola, supõe-se encontrar similaridades – sobretudo baseadas na herança linguística portuguesa comum – e importantes diferenças, em função das identidades de cada uma dessas nações.

Uma vez que está em foco a investigação da língua e de seus motivadores sociais, a abordagem que fundamenta essa análise é a Sociolinguística. De acordo com essa concepção, a língua constitui-se como um sistema complexo e heterogêneo, passível de sofrer variação e mudança. Dessa forma, segundo o viés sociolinguístico, as escolhas linguísticas correspondem às características sociais dos falantes – portanto, a variação nas formas de tratamento é motivada pelas variáveis sociais. Além dessa abordagem, complementarmente também está em foco um olhar pragmático aos dados. A intenção é observar as razões que levam os falantes a empregarem determinadas formas em determinados contextos. Em outras palavras, a partir do viés pragmático, é possível compreender os efeitos de sentido gerados com as escolhas tratamentais feitas pelos falantes em interação.

A Língua Portuguesa: diferentes representações nacionais

Recuando no tempo, a história do Brasil (país de proporções continentais situado na América do Sul e voltado ao Oceano Atlântico), de Angola (país africano também banhado pelo Atlântico) e de Moçambique (outro país africano, mas cujas águas são do Índico) encontra um denominador comum: o colonialismo português. Em função disso, os três países herdaram a língua portuguesa e alguns usos e costumes, mas mantiveram características peculiares que os tornam absolutamente ímpares.

Em termos numéricos, a população brasileira conta com um montante de 190.755.799 habitantes (segundo o censo 2010)², a população moçambicana foi estimada em 23.049.621 (no ano de 2011)³ e a angolana, 19.940.000 habitantes (dado do RSA, CEIC/UCAN⁴, 2012). Ao se considerar que, no caso brasileiro, a língua portuguesa é oficial e falada pela maior parte da população como língua materna e em situações tanto formais como informais, e que, para Moçambique e Angola, ela também possui representatividade nacional, sendo empregada por grande parcela da população em diferentes situações de fala – contudo, convivendo com outros grupos linguísticos –, é possível declarar que se trata de uma língua com diferentes representações simbólicas para essas nações.

No que se refere particularmente ao caso brasileiro, muito embora em todos os estados do Brasil seja possível estabelecer comunicação em português nas ruas, estabelecimentos comerciais, órgãos públicos etc., percebendo-se apenas uma variação dialetal, é necessário afirmar que esse país apresenta uma realidade plurilíngue, que conflui com sua diversidade e riqueza cultural. De acordo com informações de SAVEDRA (2010), o Brasil possui cerca de 300 idiomas falados em seu território contemporaneamente. Desse total, a maior parte é praticada por comunidades indígenas, uma média de 30 línguas é falada por comunidades de descendentes de imigrantes, há também uma considerável população utente de Libras (Língua de Sinais Brasileira) e, por fim, há algumas línguas usadas por comunidades remanescentes de quilombos.

No caso dos países africanos, Firmino (2006) assevera que a língua portuguesa, ao passo que adquire novas relações sócio-simbólicas, novos usos e funções – uma nova ideologia, portanto –, inevitavelmente passa por um processo de ser cada vez menos encarada como um elemento intruso e exógeno, para ser visto como algo próprio, que expressa as necessidades e anseios locais. Esse fenômeno é denominado pelo autor como “processo de nativização”.

Assim, o português em Moçambique foi se tornando o principal meio de comunicação tanto em situações institucionais como em interações cotidianas nos centros urbanos, pelas ruas, mercados etc. Dessa forma, o número de falantes foi se ampliando e,

[...] à medida que as pessoas usavam o português de diferentes maneiras, ele começou a transcender o seu papel de instrumento político e administrativo para se tornar um veículo

² Censo Demográfico da população brasileira, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

³ Dados do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE).

⁴ *Relatório Social de Angola* (RSA) realizado pelo Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola (CEIC – UCAN) em 2012.

de novos tipos de mensagens comunicativas e simbólicas relacionadas com a vitalidade da nova vida nacional de Moçambique. (FIRMINO, 2004, p. 352)

Paulatinamente, estabelece-se o cenário que ora se percebe em Moçambique quanto à língua portuguesa. Dias (2002) aponta a formação de três grupos principais: i) há falantes que a usam apenas como língua de contato, para fins comerciais e sociais; ii) há usuários bilíngues ou plurilíngues que se sentem obrigados a usar o português com mais frequência por conta da escola, do trabalho e de contatos sociais frequentes. Esses falantes podem passar a dominar perfeitamente a língua portuguesa ao longo da vida “ou podem parar em fases diferenciadas de aprendizagem da língua, mantendo em uso uma variedade de língua portuguesa ‘diferente’” (DIAS, 2002, p. 175); iii) e, finalmente, há um terceiro grupo que usa o português em seu dia a dia de uma forma mais europeizada. Esse cenário é representado pela autora como um ‘*continuum* linguístico’ “caracterizado por estágios de fluência que vão desde o monolinguismo na língua bantu, passando por oscilações na competência bilíngue, com etapas de dominância na língua bantu ou na língua portuguesa” (DIAS, 2002, p. 177).

Angola, por sua vez, apresenta um cenário linguístico com algumas semelhanças em relação a Moçambique, no sentido de que a língua portuguesa também divide espaço com línguas autóctones. Coadunando com Neto (2012, p. 43), “o português, é para os angolanos, simultaneamente, uma língua materna, segunda e estrangeira”. Desde o processo de luta pela independência, a língua portuguesa era empregada por uma população de assimilados, especialmente em sua capital Luanda, e pelos líderes do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) (FONSECA, 2009). Desde então, o português foi se avolumando pelas localidades do país e adquirindo feições cada vez mais autênticas, pertencendo ao universo da música, literatura, burocracia, governança, comércio etc. Entretanto, ao contactar com as línguas locais, o português passou a adquirir características marcadas por valores sócio-simbólicos, hierarquizando grupos e excluindo falantes não pertencentes à variedade de prestígio.

Metodologia utilizada

A fim de se levar a cabo esta investigação, fez-se necessário entrevistar falantes brasileiros, moçambicanos e angolanos acerca de seus usos tratamentais. Com esse intento, empregou-se uma metodologia bastante utilizada por pesquisadores brasileiros de formas de tratamento nos anos 1980 (MUNDIN, 1981; ABREU; MERCER, 1988): fotografias de perfis sociais são utilizadas para simular diálogos que favorecem o aparecimento das formas de tratamento. Todos os falantes dos três países foram submetidos aos mesmos procedimentos metodológicos, compondo um *corpus* linguístico bastante homogêneo.

Assim sendo, durante os meses de junho a novembro de 2012, foram entrevistados 23 falantes da cidade de São Paulo (Brasil); em seguida, de fevereiro a maio de 2013, realizaram-se entrevistas com 25 pessoas da cidade de Maputo (Moçambique); e, finalmente, durante os meses de junho e julho ocorreram outras 25 entrevistas com angolanos residentes na cidade de Luanda. É preciso salientar que as cidades de São Paulo, Maputo e Luanda foram, *a priori*, privilegiadas por contarem com características semelhantes: as três representam as cidades com maior densidade populacional de seus países e todas elas possuem um fluxo muito grande de pessoas oriundas de todas as demais regiões do país, em busca de melhores condições de vida.

A etapa inicial de todas as entrevistas foi a aplicação de um questionário socioeconômico, a fim de se obterem informações de ordem estratificada – tais como idade e escolaridade – e informações não estratificadas, como origem, exposição à mídia, proficiência em uma segunda língua etc. Na sequência, realizava-se a entrevista utilizando as imagens. É importante destacar que as fotografias representativas dos perfis sociais de cada um dos países foram retiradas da internet, para garantir o seu estatuto de publicização e evitar constrangimentos no que se refere aos direitos de imagem.

Nessa etapa, fornecia-se a instrução ao informante de que todas as pessoas fotografadas eram para ele desconhecidas e que as encontraria na rua, em estabelecimentos comerciais ou instituições públicas – procedimento adotado a partir das descrições metodológicas de Mundin (1981). A proposta feita aos entrevistados era que lhes seria indicada, para cada imagem, uma instrução específica contendo um pedido acerca de endereço, referência a uma pessoa que se está procurando, o preço de determinado produto etc. Tendo compreendido a instrução, o informante estabelecia um diálogo com a pessoa da fotografia. Em geral, a grande maioria dos informantes compreendia prontamente a proposta da entrevista e produzia naturalmente diversas formas de tratamento.

Vocativo: investigando a relação entre os países

Conforme discutido, a língua portuguesa é o idioma oficial do Brasil, de Moçambique e de Angola, mas em cada país ela conta com nuances peculiares a cada realidade social. Nesse sentido – e considerando particularmente os vocativos –, é possível observar, por um lado, a existência de uma gama de tratamentos comuns aos três países – claramente herança histórica do colonialismo português – e, por outro lado, um coeficiente de vocativos exclusivos a cada um dos contextos nacionais. Além disso, é possível verificar formas coexistentes em apenas dois dos três países analisados, mas que possuem, em sua semântica, interpretações particulares. Da mesma forma, ao se considerar apenas essa matriz comum, ainda assim é possível distinguir reinterpretações culturais baseadas na visão de mundo peculiar aos falantes de cada um desses três povos.

A fim de se demonstrar o fato de que um mesmo vocativo pode manter uma essência semântica comum, mas com usos e interpretações idiossincráticos típicos de cada um dos povos em questão, está em foco o vocativo “moço(a)”, por ser um exemplo amplamente utilizado pelos falantes dos três países.

Vocativo de base comum: o caso de “moço(a)”

“Moço” e “moça” representam formas caras aos informantes do Brasil, Moçambique e Angola para se referirem a pessoas desconhecidas com uma faixa etária relativamente mais jovem com relação ao falante. Trata-se, portanto, de um vocativo bastante comum e difundido.

Entre os brasileiros, ocorre o uso dessa forma para diferentes perfis sociais. Assim, dos vinte perfis apresentados aos informantes, em apenas cinco deles não houve nenhum uso de “moço(a)”, pelo fato de o perfil apresentar idade muito baixa (um bebê e um pré-adolescente), muito alta (uma senhora idosa), pertencer a um nível de poder muito intimidador (um político) ou a imagem apresentar mais de uma pessoa (o que requer,

portanto, vocativos de caráter coletivo). As imagens brasileiras que não receberam o vocativo “moço(a)” estão demonstradas abaixo com um intuito ilustrativo:



Figura 1. Perfis da amostra de imagens brasileira que não suscitaram o uso do vocativo “moço(a)”⁵

Ainda no que se refere à amostra brasileira, é preciso considerar que, dentre os nove informantes homens, oito deles não empregaram nenhuma vez a FTN “moço(a)” – fato que, portanto, associa essa forma a um uso mais feminino, por ser entendida como semanticamente mais neutra que outros vocativos congêneres. Esses oito informantes, em vez de empregarem “moço(a)” preferiram duas outras estratégias: i) não atribuir nenhum vocativo aos perfis; ou ii) atribuir vocativos mais solidários e distensos, tais como “amigo(a)”, “amigão”, “mano”, “minha querida”, “bicho”, “meu”, “brother”, “cara” etc.

Também merece destaque o fato de que o único informante masculino que empregou “moço(a)”, em doze dos vinte perfis a ele apresentados, tinha doze anos à época da entrevista e cursava a quarta série do ensino fundamental. Esse fato corrobora com o posicionamento de alguns autores, como Vidal (1995), segundo a qual o comportamento cortês – incluindo a habilidade de se dirigirem formas de tratamento a interlocutores – não é uma habilidade natural, mas adquirida com o passar do tempo. Nesse sentido, “moço(a)” foi privilegiado por esse informante pela razão de que esse vocativo apresenta um caráter mais neutro e menos comprometedor, o que o faz se sentir à vontade para atribuí-lo a diferentes perfis sociais. Hipoteticamente, portanto, aos poucos ele adquirirá outros vocativos para diversificar o seu uso. Para ilustrar o comportamento linguístico desse informante, seguem os exemplos (01) e (02), em que “moço(a)” foi atribuído aos perfis ilustrados pela figura 02:

- (01) Eu ia falar: *Moço*, você sabe onde fica o Tenório? (BR. H.12).⁶
(02) *Moça*, você sabe onde a minha mãe está? (BR. H. 12).

⁵ Essas imagens da amostra brasileira foram retiradas dos seguintes *sites*, respectivamente: <http://kale-naeduardo.blogspot.com.br/2010/08/grupo-de-jovens-shallon.html>. Acesso em: 12 maio 2012; <http://brasil.babycenter.com/baby/viagem/lista/>. Acesso em: 12 maio 2012; <http://jornalsantuاريو.wordpress.com/tag/igreja-catolica/>. Acesso em: 12 maio 2012; http://www.dipity.com/tickr/Flickr_olhar/. Acesso em: 12 maio 2012; <http://www.antonioroberto.com.br/category/utilidade-publica/>. Acesso em: 15 maio 2012.

⁶ Esse código identifica a nacionalidade do falante – “BR” para brasileiros, “MO” para moçambicanos e “AN” para angolanos –, seu sexo (“M” para mulheres e “H” para homens) e sua respectiva idade.



Figura 2. Perfis da amostra de imagens brasileira que exemplificam o uso de “moço(a)” por um informante do sexo masculino de doze anos⁷

A tendência de que o vocativo “moço(a)” seja primordialmente empregado por mulheres se mantém de forma substancial entre os entrevistados angolanos. Na amostra ora em análise, dos quatorze entrevistados do sexo masculino, oito não utilizaram nenhuma vez essa forma, ao passo que todas as informantes angolanas a empregaram ao menos uma vez. Entretanto, essa tendência se altera entre os informantes moçambicanos, uma vez que foram sete mulheres (dentre as 16 informantes) e quatro homens (dentre nove informantes) a não empregarem essa forma.

É preciso evidenciar que há alguns perfis que favorecem a atribuição de “moço(a)” pelos informantes dos três países. Nesse caso, coincidentemente, esses perfis estão relacionados ao domínio do comércio. Com relação ao caso brasileiro, os dois perfis que lideraram a atribuição desse vocativo estão demonstrados pela figura de número três e os excertos (03) e (04) exemplificam esses usos:



Figura 3. Perfis da amostra de imagens brasileira que exemplificam o uso de “moço(a)” relacionado ao domínio do comércio⁸

⁷ Essas imagens da amostra brasileira foram retiradas dos seguintes sites, respectivamente: <http://www.comofazergratis.com.br/contratar-advogado-como-fazer-custos-e-especialidades/>. Acesso em: 14 maio 2012; <http://www.leiaja.com/multimedia/2011/muitos-problemas-algumas-solucoes> Acesso em: 14 maio 2012.

⁸ Essas imagens da amostra brasileira foram retiradas dos seguintes sites, respectivamente: <http://perfumedepiqui.blogspot.com.br/2008/09/vendedores-de-frutas.html>. Acesso em: 12 maio 2012; <http://www.mundodastribos.com/curso-de-atendente-de-lanchonete.html>. Acesso em: 15 maio 2012.

(03) *Moço, quanto custa? Moço, ô moço, quanto custa?* (BR. M. 41)

(04) *Moça, por favor, quanto custa essa coxinha?* (BR. M. 34)

Com um uso bastante semelhante ao Brasil, o perfil que favoreceu o uso de “moço(a)” entre os informantes angolanos foi o de uma atendente de pastelaria/padaria. Nesse caso, 13 dos 25 informantes optaram por essa forma de tratamento ao se dirigirem a esse perfil. Também pertencente ao domínio comercial, oito informantes escolheram “moço” para se dirigirem a um ardina/vendedor ambulante de jornais. Esses perfis angolanos estão representados pela Figura 4 e os exemplos desses usos são os de número (05) e (06):



Figura 4. Perfis da amostra de imagens angolana que exemplificam o uso de “moço(a)” relacionado ao domínio do comércio⁹

(05) Então: boa tarde, *moça*. Tudo bem? Têm pastéis de natas ou bolo de arroz? Podes me dar um, faz favor? Muito obrigada. Tem sempre que tratar com simpatia. (AN.M.19)

(06) É, *moço*, faz favor. Cê que tá a vender o jornal. Tem o jornal de Angola? Não, não quero o de desportos. Quero o de Angola. (AN.H.26)

Ainda nesse universo de relações comerciais, muito embora não seja o perfil mais importante no que se refere ao vocativo em análise, alguns informantes moçambicanos referiram-se ao perfil de vendedores ambulantes de crédito para celular por meio de “moço” (foram 4 informantes, dentre os 25 totais). Muito embora não tenha atingido os índices brasileiro e angolano, o perfil que favoreceu a atribuição desse tratamento para os informantes moçambicanos foi o de uma mulher jovem. Nesse caso, sete informantes elegeram essa forma. Esses dois perfis encontram-se representados pela Figura 5 e pelos exemplos (07) e (08):

⁹ Essas imagens da amostra angolana foram retiradas dos seguintes *sites*, respectivamente: <http://mulher.sapo.cv/comunidade/galeria-fotos/eu-sou-mulher-angolana-344558-0.html>. Acesso em: 10 jun. 2013; <http://www.dw.de/liberdade-de-imprensa-angola-supreende-outros-palop-desapontam/a-16560824>. Acesso em: 10 jun. 2013.



Figura 5. Perfis da amostra de imagens moçambicana que exemplificam o uso do vocativo “moço(a)”¹⁰

- (07) Eu ia dizer: *moço*, dá lá, dá lá crédito, faz favor. (MO. M.29)
- (08) Hum. Eu dizia: *moça*. Oi *moça*. Tudo bem? Olha, sabes me dizer onde é que eu posso comprar uma água? Eu tô com muita sede. Sabes me dizer onde é que eu posso comprar uma coca ou uma coisa assim? Lá ao fundo? Ah, tá *nice*, então. Obrigada. (MO. M.26)

Apesar da semelhança de usos que se apresenta entre os informantes dos três países, algumas opiniões dadas por eles são bastante relevantes para essa discussão. A primeira questão que se coloca é acerca da relação entre os vocativos e a sua referência regional em um dado país. Nesse sentido, uma informante brasileira, de 57 anos, natural do estado da Bahia (Brasil), mas residente na cidade de São Paulo há 20, dá o seguinte depoimento, relacionado ao perfil de atendente de lanchonete:



Figura 6. Perfil de atendente de lanchonete na amostra de imagens brasileira

- (09) “Oi *moça*, quanto tá essa coxinha aqui? Ô *moço*, quanto custa?
(Seria moço também?)¹¹”

¹⁰ Essas imagens da amostra moçambicana foram retiradas dos seguintes *sites*, respectivamente: <http://www.flickr.com/photos/13385504@N05/3846792042/>. Acesso em: 12 fev. 2013; <http://terrasde-mozambique.wordpress.com/category/materias/>. Acesso em: 12 fev. 2013.

¹¹ No que concerne às transcrições, é preciso informar que as falas entre parênteses são realizadas pela entrevistadora e as restantes, pelos entrevistados.

Também seria moço.

(Mas e se fosse na Bahia?)

Ah, na Bahia seria assim: ô *neguinha*, quanto tá a coxinha?

(Tá, *neguinha*, tudo bem!)

Engraçado, né! *Neguinha*, quanto custa essa, essa, essa coxinha aqui? É assim.

(Moça ou *neguinha*, dependendo de onde tá.)

Exatamente, dependendo de onde você tá. Do estado que cê tá. Interessante, né, mas é!” (BR.M.57)

A partir desse comentário, deduz-se que o uso de “moço(a)” é preponderante entre os falantes do estado de São Paulo – Brasil. Sendo assim, é imperioso reconhecer que, uma vez realizada a pesquisa em diferentes localidades, os usos tratamentais poderiam apresentar variação.

No que se refere à questão semântica, é preciso considerar a opinião de uma informante moçambicana, acerca do perfil representado pela Figura 7:



Figura 7. Perfil da amostra de imagens moçambicana¹²

(10) “Eu ia dizer: *moça*, podes me mostrar onde é que tão a vender água?

(Moça?)

É, *moça*.

(Aí tem a ver com a idade que você falou antes? Ou não?)

É que ela parece muito jovem. E aí eu haveria de dizer *moça*. Mas ao mesmo tempo ela tá vestida que nem muito jovem. Ela até podia ser mais velha. Mas o fato dela tá a ser, tá a ser vestida assim faz com que eu chame de *moça*, porque Maputo é assim que as pessoas fazem. Eu pra mim nunca fez sentido que as pessoas me chamasse de *moça*. Eu não sou virgem. Pra que chamar *moça*? E *moça* é de virgem, né? E aí toda a gente diz *moça*, *moça*. Mas aí eu peguei. Eu peguei esse coiso de dizer *moça*.

¹² Essa imagem da amostra moçambicana foi retirada do seguinte *site*:
<http://terrasdemozambique.wordpress.com/category/materias/>. Acesso em: 12 fev. 2013.

(E ficou.)

Porque toda a gente faz isso com pessoas jovens.

(Sim.)

Agora eu já não sei porque as pessoas já não me chamam de moça. Talvez é porque eu já tô crescendo. Mas quando eu era mais nova sempre me chamavam de moça.

(De moça, é. E ficou, né?)

Ficou. Comigo ficou. Toda a gente me chama moça, moça aqui, moça ali.” (MO.M.29)

Nesse depoimento, houve uma tentativa por parte da entrevistada de compreender a origem semântica do termo “moça”. A partir da generalização de uso desse termo, subentende-se que ele foi se esvaziando do sentido original e se disseminou entre os falantes brasileiros, moçambicanos e angolanos como um vocativo mais neutro – nem tipicamente pertencente ao domínio semântico da solidariedade, tampouco característico do domínio do poder – para se referir a pessoas jovens de ambos os sexos. Ainda assim, há outra opinião, também de um informante moçambicano, que justifica a sua preferência por não se remeter aos seus interlocutores empregando vocativos em função da variação de sentido que essas formas podem conter dependendo do contexto de uso (o comentário refere-se ao perfil apresentado pela Figura 8):



Figura 8. Perfil da amostra de imagens moçambicana¹³

(11) “(Tá bom. Você tem, você chamou ele de nada, né? Você não falou menino nem nada?)

Nada.

(E não chamaria mesmo, né?)

[O entrevistado balança a cabeça negativamente.]

(Tá.)

Eu, tás a ver miúdo? Nós usamos miúdo.

(Hum.)

Não é?

(Sim, sim.)

¹³ Essa imagem da amostra moçambicana foi retirada do seguinte *site*: <http://mantenedordafe.org/blog/?p=8026>. Acesso em: 11 fev. 2013.

Chamamos alguém miúdo. O mais interessante é que se tu fores à Ilha do Ibo e chamares alguém miúdo ele fica ofendido.

(Ah!)

Por quê? Ah, as velhas lá naquela altura são empregas domésticas eram tratadas por miúdo.

(Verdade?)

Tás a perceber? Então, essa coisa de dirigires-te pra alguém com alguma nomenclatura é um bocado perigoso porque tu não sabes qual é a educação daquela pessoa. Ou como é que ela percebe. Tu podes dizer moço. Moço pode ser inofensivo pra mim. Mas até que ponto pra outra pessoa é ou não é. E aqui nós ainda temos muito, muitos tabus. Temos o problema de escolaridade e temos os calões que cada um usa, não sei quantos. Então...

(Hum. Você prefere evitar?)

Ya. Evito dirigir-me pra, a dizer o senhor ou senhora ou não sei quantos. Acho as senhoras principalmente.

(É.)

Podes... nós até em inglês temos esse tipo de situações. Vem uma senhora que tu pensas tás, tás a dirigir-lhe com respeito: ah, madame. Ela é capaz de dizer: não, eu não sou madame.

(Tá.)

Mas pra nós aqui é tipo tás a dirigir com respeito e não sei quantos.

(Puxa. É delicado isso.)

Ya.” (MO.H.37)

Ainda referente ao vocativo “moço(a)”, é interessante a percepção de algumas informantes angolanas acerca da variação estilística. De acordo com elas, “moço(a)” varia com “(meu/minha) jovem”, sendo que a primeira forma é associada a usos menos formais e distensos, ao passo que a segunda é atribuída a interlocutores mais formais. Para ilustrar essa questão do estilo associado ao vocativo, seguem os depoimentos de duas informantes angolanas, uma de 28 e a outra de 23 anos, acerca dos perfis demonstrados pela Figura 9:



Figura 9. Perfis da amostra de imagens angolanas que exemplificam o uso de “moço(a)” e “(meu/minha) jovem”: variação estilística¹⁴

¹⁴ Essas imagens da amostra angolana foram retiradas dos seguintes *sites*: <http://mulher.sapo.cv/comunidade/galeria-fotos/eu-sou-mulher-angolana-344558-0.html>. Acesso em: 10 jun. 2013; <http://badoo.com/pt-ao/harmm/>. Acesso em: 7 jun. 2013; <http://aeppea.wordpress.com/page/29/>. Acesso em: 10 jun. 2013.

- (12) “(Perfeito. Muito bom, muito bom. Então, de vez em quando você usa moça?)

Uso.

(Usa, né?)

Moça, hum hum.

(E moço?)

Também. Moço e moça é, tá enquadrado naquela coisa de jovem. Hum hum. São, são semelhantes, não é. É nessa faixa etária de que não tão... é aquela coisa de as pessoas não usar o senhor porque a pessoa pode não cair bem pra pessoa.

(Tá.)

A moça... tá a me ver com cara de que pra me chamar de senhora? Geralmente é, isso que acontece. Então, as pessoas chamam moço ou jovem... e tão nesse... são coisas semelhantes, né. Moço e moça tão todos juntos. Moço e moça, jovem e jovem... hum hum. Mas uso também a moça, moço, hum hum e jovem.

(Tá perfeito.)

Por exemplo aqui, aqui nunca digo moça. Pelo menos quando tô trabalhando na biblioteca nunca digo moça. É sempre jovem. O jovem, a jovem, o senhor e a senhora.

(Tá.)

Às vezes quando cê sabe que é o doutor fulano, né. (?). Quando se sabe as entidades que vêm praqui é o doutor. Mas se eu não conheço são todos senhores, senhoras, *jovens e moços não*. Nunca usei moço aqui na biblioteca.

(É mais na rua?)

É mais na rua, na pastelaria. Hum hum. Mas aqui... nem tio. Porque acho que, o que alterou isso foi a formação, foi a formação que nós tivemos. Apesar que já tinha visto na casa ah, essa pessoa daí fala... isso é uma maneira de respeito. Dizem, algumas pessoas alegam que dizem tio, tia é respeito. Mas não, mas como eu tô num ambiente formal, de trabalho, então não há tios, não há tias. Aqui somos todos senhores, senhoras, *jovens*. *Jovem*, não faça barulho. Senhores, não conversem aqui. Senhora, vá falar ao telefone lá fora. São senhores e senhoras.

(Assim você evita qualquer mal estar também, né?)

Hum hum.

(É teu ambiente de trabalho.)

Sim.” (AN.M.28)

- (13) “Esse já como tá de fato¹⁵, é aquela: *jovem*, bom dia. Por favor, pode me indicar onde é que é o, onde é que fica o Largo do Kinaxixe?

[risos]

(Tá. Muito boa. Gostei muito. É exatamente isso que eu preciso.)

Parece que como já tá de fato, parece alguém um pouco, se calhar que estuda um bocadinho. Sei lá. Então já a linguagem às vezes é um bocadinho mais cuidadosa.” (AN.M.23)

- (14) “(Fica melhor, né? Mais rápido.)

Mas agora esses que estão na universidade são mesmo *jovens*. Esses porque eles são todos armados que querem passar, se formar e o quê. São *jovens*.

(É.)

Agora lá na rua é que nós temos essa de *moça, moço*.” (AN.M.23)

¹⁵ Nesse contexto, a palavra “fato” significa “terno”, “paletó”, um traje formal tipicamente masculino.

A fim de melhor se compreender o uso de “moço(a)”, também esteve em foco a análise da combinação entre vocativos e pronomes sujeito. Assim sendo, parte-se da hipótese de que essa combinação é sempre pragmaticamente motivada e de que cada variedade linguística faz essas combinações de acordo com as características de suas populações. Essa hipótese geral aqui levantada baseia-se no trabalho de Múndin (1981), que estudou as relações entre as *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro*. De acordo com a autora, as formas de tratamento pronominais e os vocativos mantêm um elo semântico que os torna, de certa forma, dependentes, uma vez que ambos apresentam referência à formalidade.

No que se refere especificamente à forma “moço(a)”, fez-se necessário, *a priori*, verificar a sua recorrência na amostra de cada um dos países. Dessa forma, verificou-se que tanto para falantes angolanos quanto para brasileiros essa forma é bastante recorrente, uma vez que, de todo o conjunto de formas de tratamento nominais disponíveis para uso, “moço(a)” corresponde a 10,6% dos usos de angolanos e 9,0% de brasileiros. Ao se comparar esses índices com os dados moçambicanos, é notável que os falantes desse país fazem um uso bem menor dessa forma (3,6%) – preferindo, portanto, outras estratégias para se referirem a desconhecidos. Esses dados podem ser verificados por meio da Tabela 1:

Tabela 1. Ocorrências da forma de tratamento “moço(a)” no corpus angolano, brasileiro e moçambicano

	Angola		Brasil		Moçambique	
	N	%	N	%	N	%
Total de enunciados	235	100	265	100	248	100
Ocorrências de “moço(a)”	25	10,6	24	9,0	9	3,6

Ao se considerar a combinação entre o vocativo e as estratégias pronominais usadas na construção do enunciado, fica também evidente que há escolhas preferenciais em cada um dos contextos nacionais analisados. Assim sendo, os brasileiros adotam majoritariamente a estratégia de se combinar a FTN “moço(a)” com o pronome *você* (cf. exemplo (15)), chegando a um índice de 87,5%. Entretanto, uma vez que em Moçambique e Angola a opção privilegiada por falantes é a ausência de pronome sujeito, com a marcação de pessoa feita apenas pela desinência verbal, era de se esperar que a combinação do vocativo em estudo com o pronome *você* contasse com uma baixíssima quantidade de uso: em Angola, esse índice chegou a 4% e em Moçambique não houve nenhuma ocorrência.

(15) “Ô moço, cê sabe me dizer onde que é a padaria tal, por favor?” (BR.M.21)

A combinação mais produtiva do vocativo “moço(a)” para os moçambicanos foi feita com a ausência de pronome associada à desinência verbal de segunda pessoa (77,7%) demonstrando que, a esse vocativo, está associada uma ideia mais distensa e informal, típica da semântica da solidariedade (cf. exemplo (16)). Já para angolanos, houve um maior equilíbrio entre a combinação do vocativo com a ausência de pronome associada ora à desinência verbal de 2ª pessoa (44%), ora à desinência verbal de 3ª pessoa (52%), evidenciando uma maior adequação da estratégia combinatória utilizada à formalidade contextual (cf. exemplos (17) e (18), além da Tabela 2):

- (16) “Oi moça. Tudo bem? Olha, *sabes* me dizer onde é que eu posso comprar uma água? Eu tô com muita sede? *Sabes* me dizer onde é que eu posso comprar uma coca ou uma coisa assim?” (MO.M.04)
- (17) “Moço, desculpe. Por favor, *pode* me explicar qual é a rua que vai até o Kinaxixe?” (AN.M. 22)
- (18) “Oi moça, *tás* boa? *Sabes* onde é que vendem água aqui?” (AN.M.9)

Tabela 2. Combinações pronominais da forma de tratamento “moço(a)” no *corpus* angolano, brasileiro e moçambicano

Possibilidades combinatórias	Angola		Brasil		Moçambique	
	N	%	N	%	N	%
O/a senhor(a)	0	0	1	4,1	0	0
Você	1	4	21	87,5	0	0
Ausência de pronome + desinência verbal de 3 ^a p.	13	52	2	8,3	2	22,2
Ausência de pronome + desinência verbal de 2 ^a p.	11	44	0	0	7	77,7
Total	25	100	24	100	9	100

Comentários finais

Nesse estudo esteve em foco a observação dos vocativos utilizados pelos falantes das variedades do português brasileiro, moçambicano e angolano em situações alocutivas, ou seja, em que uma primeira pessoa – o participante das entrevistas – dirige-se diretamente a um interlocutor – nesse caso, os perfis sociais apresentados a eles por meio de fotografias. Esse contexto linguístico foi privilegiado por se considerar que essas formas de tratamento representam um fecundo meio para se observarem as correlações existentes entre língua e sociedade.

O fato de se propor a comparação entre falantes de três países se pauta na expectativa de que cada uma das variedades utilize as possibilidades oferecidas pelo sistema de formas de tratamento de acordo com as suas realidades nacionais. Dessa forma, as análises dos dados aqui demonstrados como exemplos – o uso do vocativo “moço(a)” – estão demonstrando que essa expectativa é realmente válida, haja vista que é possível delinear algumas tendências de comportamento entre o grupo de informantes de um mesmo país.

Em termos gerais, angolanos e brasileiros utilizam o vocativo “moço(a)” de forma bastante produtiva como estratégia para se referirem a interlocutores desconhecidos, enquanto os moçambicanos preferem outras estratégias. Os brasileiros majoritariamente combinam esse vocativo com o pronome *você*, em um indicativo de que essa forma está inserida no repertório das formas de tratamento pertencentes à semântica da solidariedade. Para os moçambicanos, igualmente, essa forma tende a estratégias mais solidárias, uma vez que a principal combinação se dá com a desinência verbal de segunda pessoa (*tu*). Entretanto, os angolanos modificam a combinação desse vocativo para se adequarem à formalidade inerente ao contexto interlocutivo – em ocasiões em que, por um lado, verificavam que o interlocutor da imagem apresentada era hierarquicamente superior ou indicava horizontalidade escolhiam a combinação entre o vocativo “moço(a)” e a desinência verbal de terceira pessoa e ao verificarem, por outro lado, também horizontalidade

ou quando se entendiam hierarquicamente superiores ao perfil da imagem, preferiam a combinação do vocativo com a desinência verbal de segunda pessoa.

Assim sendo, o sistema de formas de tratamento revelou-se como expressivo meio de se observar a relação entre a língua e fatores sociais e históricos. Além disso, evidenciou características marcantes de cada uma dessas sociedades que utilizam a língua portuguesa como oficial e como veículo que transita por vastos contextos comunicativos da atualidade

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Teresa dos Santos, MERCER, Jose Luiz da Veiga. O tratamento em Curitiba: o pronome zero. *Revista Ilha do Desterro. A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, Florianópolis, n. 20, 1988. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8920>>. Acesso em: 21 mar. 2012.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: GIGLIOLI, P. P. (Ed.) *Language and social context: selected readings*. England: Penguin Books, 1972 [1960].
- CAUSSE-CATHCART, Mercedes. Mi vida, mi amor, mi corazón... formas de tratamiento en el habla de la ciudad de Santiago de Cuba. In: COUTO, Leticia Rebollo, LOPES, Célia Regina dos Santos. *As Formas de Tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011.
- CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE ANGOLA (CEIC). *Relatório social de Angola (RSA) 2012*. Universidade Católica de Angola (UCAN), Luanda, 2013.
- DIAS, Hildizina. *As desigualdades sociolinguísticas e o fracasso escolar: em direção a uma prática linguístico-escolar libertadora*. Maputo: Promédia, 2002.
- FIRMINO, Gregório. *A questão linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Texto editores: Maputo, 2006.
- _____. A nativização do português em Moçambique. In.: CARVALHO, Clara. CABRAL, João de Pina (Org.). *A persistência da história: passado e contemporaneidade em África*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.
- FONSECA, Dagoberto José. *Nas marolas do Atlântico: interpretações de Angola, da África, do Brasil e de Portugal*. Relatório Científico de Pós-Doutorado apresentado ao Departamento de Ciências Sociais na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, Campinas, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2010. *Resultados gerais da amostra*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2014.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *III Recenseamento geral da população e habitação 2007: indicadores sócio-demográficos: Resultados definitivos – Maputo Cidade*. Maputo, 2010.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.
- _____. Modelos de variação intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais em francês. In.: COUTO, Leticia Rebollo, LOPES, Célia Regina dos Santos. *As Formas*

de Tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais. Niterói: Editora da UFF, 2011.

MUNDIN, Sônia Sandra de Moura. *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro.* 1981. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NETO, Muamba Garcia. *Aproximação linguística e experiência comunicacional: o caso da escola de formação Garcia Neto.* Luanda: Mayamba, 2012.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Estudos e pesquisa em sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. *Revista da Anpoll*, v. 1. n. 29, p. 219-23, 2010.

SILVA, Luiz Antônio da. O *senhor* y *você*. Formas de tratamento, cortesía y diversidad cultural en português. In.: COUTO, Leticia Rebollo, LOPES, Célia Regina dos Santos. *As Formas de Tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais.* Niterói: Editora da UFF, 2011.

VIDAL, Victoria Escandell. Cortesía, Fórmulas convencionales y estrategias indirectas. *Revista Español de Lingüística*, v. 25, n. 1, 1995, p. 31-66